

Resumo do livro “Pão e rosas: Identidade de gênero e antagonismo de classe no capitalismo”, da autora Andrea D’Atri¹

Maria Gabriella da Silva Valentim²
Águida Cristina Santos Almeida³

Introdução

Andrea D’Atri nasceu em Buenos Aires, em 1967. Formou-se em Psicologia (UBA) com especialização em Estudos da Mulher, dedicando-se ao ensino, pesquisa e comunicação. Com uma destacada participação no movimento feminista, fundou a agrupação Pan y Rosas em 2003, na Argentina. A agrupação hoje está presente também no Brasil, Chile, Uruguai, Bolívia, Venezuela, México, Costa Rica, Estado Espanhol, França, Itália e Alemanha. Seu livro Pão e rosas foi publicado em Buenos Aires (2004), Caracas (2006), São Paulo (2008), México (2010), Roma (2016), Paris (2019), Berlim (2019) e Londres (2021).

É editora do livro Lutadoras - Histórias de mulheres que fizeram história (2018), lançado no Brasil também pelas Edições Iskra, e da antologia Flora Tristán: el martillo y la rosa (2019). Ministrou seminários e conferências na Europa e na América Latina. Também é dirigente do Partido de los Trabajadores Socialistas (PTS) na Argentina e assessora parlamentar da Frente de Izquierda y los Trabajadores - Unidad.

A presente obra nos é apresentada com a ideia e a pretensão de elucidar a relação entre o gênero, o capitalismo, o feminismo e a luta de classes, bem como suas nuances e particularidades. Sendo dividido em 8 capítulos, sendo eles: Capítulo I - Revoltas e Direitos Cívicos; Capítulo II - Burguesas e Proletárias; Capítulo III - Entre a Filantropia e a Revolução; Capítulo IV - Imperialismo, Guerra e Gênero; Capítulo V - As mulheres no Primeiro Estado Operário da História; Capítulo VI - Entre o Vietnã e Paris, os corpetes à Fogueira; Capítulo VII - Diferença de Mulher, Diferença de Mulheres; e Capítulo VIII - Pós-modernidade, Pós-marxismo Pós-feminismo. Além das partes como os Agradecimentos; Apresentações;

¹Resumo escrito em janeiro de 2024, no âmbito das atividades do PET-Economia da UFCG.

²Graduanda em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), integrante do Programa de Educação Tutorial (PET - Economia) e do GAACE-Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica. E-mail: silvagabriella776@gmail.com.

³Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG, tutora do PET-Economia, coordenadora do GAACE. No presente resumo atuou como revisora. E-mail: aguidasantosalmeida@gmail.com.

Introdução; Conclusão; Documentos Anexos e Bibliografia. Abaixo os capítulos presentes no livro serão explanados e discutidos.

Logo no começo do livro, na introdução, a autora aborda a questão da identidade de gênero e o antagonismo de classe no dia internacional das mulheres, onde ela discorre acerca do 8 de março, que diga-se de passagem, o capitalismo tenta a toda custo transformar em apenas mais uma data meramente comercial, é um verdadeiro apagamento da história da árdua luta das mulheres!

Aqui então, nos é apresentado o verdadeiro motivo por trás do 8 de março, às revoltas das trabalhadoras, as atrocidades das quais foram vítimas, conjuntamente com a opressão e a exploração à qual as mulheres se encontravam (e ainda se encontram atualmente) imersas. De uma perspectiva marxista, exploração por se tratar da relação entre as classes, fazendo referência à apropriação do produto do trabalho excedente das massas trabalhadoras pelos detentores dos meios de produção e, opressão pela relação de submissão de um grupo sobre outro (das mulheres com relação aos homens), nesse caso, por causa do gênero.

As mulheres são definidas aqui não como uma classe diferente, mas sim como um grupo policlassista. Nessa parte a autora destaca porém, que o gênero une as mulheres, mas a classe as divide, ao passo que as reivindicações das mulheres de classes diferentes são, em sua maioria, totalmente distintas, visto que, enquanto às mulheres da classe trabalhadora anseiam por direitos básicos, às mulheres burguesas já possuem alguns destes e estão lutando por outras coisas, as quais, muitas mulheres proletárias nem mesmo almejavam em seus horizontes, assim então, o capitalismo e o patriarcado formavam um casamento bem-sucedido.

Ainda na introdução, a autora nos faz pensar sobre a luta das mulheres e a luta de classes, fazendo a seguinte indagação: Afinal, sexo contra sexo ou classe contra classe? Essa é uma ótima pergunta, para qual existem inúmeras respostas e pontos de vistas a partir das mais variadas vertentes, mas uma coisa que é de entendimento conjunto, é que nunca haverá a emancipação dos trabalhadores enquanto a mulher não for emancipada, e que sem sombra de dúvidas, as mulheres da classe operária foram e serão essenciais nas batalhas contra a classe exploradora.

1. Capítulo I - Revoltas e Direitos Civis

No primeiro capítulo, a autora faz um apanhado e uma exposição da participação das mulheres nas revoltas que desembocaram nas mudanças de sistemas durante toda a história.

Destacando como as mulheres encorajaram e muitas vezes tomaram a frente das rebeliões, que não foram poucas, muito pelo contrário, foram diversas e dos mais variados tipos e motivações! Mas mesmo com tudo isso, todos os feitos esplêndidos e a coragem, quantas mulheres são lembradas, aclamadas ou prestigiadas? Pois é, quase nenhuma!

Neste capítulo, nos é apresentado o surgimento do feminismo como movimento político que reivindicava a igualdade de direitos para as mulheres, projetando o eco do discurso burguês da igualdade abstrata de todos os cidadãos perante a lei: direitos dos homens e também das mulheres, nos marcos do projeto político igualitário do Iluminismo. De acordo com as feministas, às mulheres, que nessa luta se autodenominaram "o terceiro Estado do Terceiro Estado, lutaram por sua inclusão na nascente cidadania", pois, como mostra a feminista Cristina Molina Petit, "O Iluminismo não cumpre suas promessas: a razão não é a Razão Universal. A mulher fica de fora como aquele setor que as luzes não querem iluminar". O jacobino Chaumette declarava: "O indigente não obteve com a Revolução mais que o direito a reclamar de sua pobreza".

2. Capítulo II - Burguesas e Proletárias

Aqui a autora nos mostra que com a Revolução Industrial, a categoria "mulher trabalhadora" instala-se como tema de discussão da ciência, política, religião, educação etc. O que foi uma figura um tanto quanto problemática, já que sua simples existência questionava a ideia de feminilidade da ideologia patriarcal dominante e projetava esse dilema entre o "dever ser" referente a feminilidade da mulher e o trabalho assalariado.

Bem como surgiram as mulheres trabalhadoras, com elas vieram suas lutas e reivindicações por direitos, onde se organizaram de maneira independente para tal, até porque, grande parte dos sindicatos tratava de proteger os empregos e os salários dos seus afiliados (homens), mantendo então as mulheres por fora de suas organizações e, inclusive, lutando contra sua incorporação no mercado de trabalho.

Ainda neste capítulo a autora nos fala sobre a Comuna de Paris e das valiosas e mais diversas mulheres que participaram ardentemente, empunhando armas e resistindo, até que a derrota lhes impôs a morte em combate, deportações ou fuzilamentos. Os diários da época descrevem as *communards* com palavras como:

Vi uma jovem filha vestida de guarda nacional marchar com a cabeça erguida entre os prisioneiros cabisbaixos. Esta mulher, grande seus longos cabelos loiros flutuando sobre suas costas, desafiou todo

mundo com seu olhar. (Pág. 51).

Essas mulheres eram trabalhadoras, mulheres dos bairros populares, pequenas comerciantes, professoras, prostitutas e “suburbanas”, e segundo a autora:

Quando foram derrotadas, as mulheres da burguesia retornaram ao lar e passearam pelas ruas de Paris, com louvor, pelo retorno da “ordem” molhando a ponta da sombrinha no sangue fresco dos homens e mulheres que, tragicamente, se converteram em mártires. (Pág. 51).

3. Capítulo III - Entre a Filantropia e a Revolução

A autora começa este capítulo falando sobre o direito ao voto, mostrando a diferença das tendências adotadas entre as mulheres da classe dominante e as mulheres pertencentes à classe operária, onde a primeira tendência se expressou organicamente em associações liberais, democráticas e sociedades filantrópicas e a segunda, em organizações socialistas utópicas e nos movimentos sociais do século XIX, fundamentalmente protagonizados pela crescente classe operária.

De toda forma, podemos constatar que as feministas se diversificaram em diversas correntes, com diferentes objetivos. Enquanto algumas baseavam as reivindicações no conceito de igualdade, inspiradas nos ideais revolucionários da classe burguesa, outras se assentavam nas especificidades genéricas, recuperando a ideia de feminilidade em suas dimensões físicas, psíquicas e culturais, em uma perspectiva de luta reivindicativa, clamando por reformas ao Estado para o bem-estar das mulheres. Em suas origens, a primeira concepção serviu como fundamento aos movimentos sufragistas e a segunda teve como base o aporte das mulheres à sociedade, especialmente por seu papel maternal, conseguindo importantes melhorias no plano da saúde, da educação e da previdência social.

Partindo desse ponto, a autora nos apresenta a ideia de revolução em contraste com essa ideia de reforma que se tinha, e então temos o denominado "feminismo operário" ou "feminismo socialista", podemos diferenciar, por um lado, os setores utópicos ou reformistas, que admitiam a cooperação entre o capital e o trabalho como condição que melhoraria a situação da classe operária e, portanto, do conjunto dos oprimidos, entre eles, as mulheres. Por outro lado, encontramos os socialistas revolucionários que defendiam que só a supressão da exploração perpetrada pelo capitalismo e a construção de outra sociedade podem libertar a classe operária da escravidão assalariada e, com isso, também os grupos que sofram algum tipo de opressão.

Algo que me chamou bastante atenção, foi o fato de que, mesmo dentro dos ideais

socialistas, as mulheres e suas lutas eram frequentemente escanteadas, colocadas de lado ou tinham seus ideais desprezados e contrariados por muitos intelectuais do próprio movimento, como Ignaz Auer, inclusive, o Proudhon por exemplo, tem falas asquerosas sobre a mulher e seus direitos, é revoltante!

Em contraste, a autora nos mostra Flora Tristan, que com base em suas várias e diversas experiências de vida, foi delineando seu pensamento próprio, transformando essa mulher autodidata n'A Pária, empurrando-a a se converter em uma profeta pagã do socialismo e da emancipação feminina. Flora levantou pautas muito importantes, como a necessidade de dar boa acolhida às mulheres estrangeiras, a petição para a restauração do divórcio (coisa que em quase nenhuma hipótese era permitida às mulheres e inclusive, quase a matou) etc.

4. Capítulo IV - Imperialismo, Guerra e Gênero

Nesta parte do livro a autora nos fala sobre a II Internacional, mostrando as diversas visões que existiram sobre a questão das mulheres e dos direitos das mulheres. Percebemos então a enxurrada de machismo e misoginia existente, e em contraste a isso, temos mulheres como Clara Zetkin, lutando brava e firmemente contra a opressão e represália a qual as mulheres estavam sendo constantemente submetidas, veja o exemplo de socialistas como Ernest Belfort Bax, que publica “A fraude do feminismo” para demonstrar que não existia a opressão às mulheres e que, pelo contrário, o problema real eram os privilégios femininos. O mesmo se colocou contrário a ter sido incorporado o direito ao sufrágio no programa do partido socialista, sustentava que: “dado o coeficiente intelectual e, em certos aspectos, a inferioridade moral da mulher com respeito ao homem, existem razões óbvias para se negar a conceder à mulher o direito de exercer, digamos, as funções administrativas e legislativas que até agora têm sido próprias do homem”. (Pág. 95).

Outras várias mulheres como Anna Kuliscioff e Rosa Luxemburgo apoiaram e se juntaram a Clara Zetkin, inclusive, a mais implacável na luta contra essa ala à direita da social-democracia alemã que se entregava ao reformismo foi Rosa Luxemburgo. E mais tarde, frente à flagrante traição da II Internacional quando seus parlamentares aprovaram as intenções que endossaram o massacre da Primeira Guerra Mundial, Clara Zetkin e Rosa Luxemburgo se somaram ao esforço de Lênin, Trótski e outros social-democratas internacionalistas para manter os princípios do marxismo revolucionário.

A autora continua o capítulo falando sobre a relação entre as mulheres e a guerra, bem como a relação entre mulheres e nações, e a questão da “liberdade” (entre aspas porque não

foi concedida liberdade alguma, as mulheres apenas substituíram os homens enquanto estavam na guerra, depois que acabou, foram dispensadas) que foi concedida às mulheres no período da guerra. Aqui é interessante notarmos como as mulheres burguesas tomam partido das suas nações, em contraste com as mulheres operárias, que lutam fervorosamente e protestam pelo fim da guerra, que sempre as afetou de maneira extremamente negativa.

5. Capítulo V - As mulheres no Primeiro Estado Operário da História

Aqui a autora descreve como foi a participação das mulheres dentro do partido bolchevique, mostra também a falta de apoio que essas mesmas mulheres tinham com relação a vários partidos Social-Democratas, além da repressão que sofriam por parte do Governo, graças a polícia Czarista, que em um informe secreto, alertava que as mulheres se encontravam mais abertas à revolução que os dirigentes do partido da burguesia liberal. Mais perigosas que os democratas, as mulheres trabalhadoras representavam, para o poder imperial, "a faísca que podia acender a chama".

Muita coisa estava acontecendo a essa altura, as revoluções por si só são algo muito real que, para transformar tudo radicalmente, tem que lidar com as condições materiais existentes, incluindo contradições pungentes, que estavam ocorrendo. E tudo isso acontecia enquanto Lênin se via obrigado a se retirar da vida política devido a problemas de saúde, até que em 1922, Stálin foi nomeado secretário-geral do partido. Mais tarde, Lênin fica debilitado, sem fala, e morre no dia 21 de janeiro de 1924. Mas, nos últimos meses de vida, com suas forças dizimadas pela paralisia e afasia, Lênin trava seu último combate pela restituição do monopólio do comércio exterior, abolido em 1922; contra a opressão das nacionalidades e contra a burocracia que começava a consumir a organização do Partido Bolchevique e o Estado soviético.

E então tivemos um retrocesso quanto aos direitos até então conquistados pelas mulheres, a partir de 1926. Sob o regime de Stálin, se instituiu novamente o matrimônio civil como única união legal. Mais tarde é abolido o direito ao aborto, junto à supressão da seção feminina do Comitê Central e seus equivalentes nos diversos níveis de organização partidária. Em 1934, é proibida a homossexualidade e a prostituição se converte em delito. Junto a isso, temos a perseguição orquestrada por Stálin às mulheres e homens opositores, que eram acusados de sabotagem, espionagem e "trotskismo", e assim eram enviados a campos de concentração e quando julgados, recebiam o veredito de culpa e execução.

Mas esta história horrorosa não podia durar para sempre, e não durou! A burocracia

que usurpou a bandeira da Revolução de Outubro finalmente sucumbiu na podridão da história. Entretanto, milhões de seres humanos nasceram e cresceram sob a ideia de que esse evento histórico do stalinismo era sinônimo de socialismo, o que inevitavelmente manchou as bandeiras revolucionárias.

6. Capítulo VI - Entre o Vietnã e Paris, os corpetes à Fogueira

A autora inicia este capítulo falando que a coexistência pacífica entre o imperialismo e o stalinismo significou um pacto para evitar que os processos revolucionários emergentes questionassem a ordem vigente. Nessa época houve o chamado boom do pós-guerra e, por meio desse crescimento econômico e sob o chamado “Estado de bem-estar”, muitos direitos foram conquistados, inclusive pelas mulheres. Porém, esse boom econômico e a estabilidade da luta de classes não duram eternamente e, durante o período em que ressurgiu a luta de classes, em ambos os hemisférios, um novo movimento de libertação das mulheres resplandeceu.

Frente a um cenário marcado por greves econômicas e políticas, lutas contra a opressão nacional, radicalizadas manifestações estudantis, de afro-americanos e de homossexuais e o poderoso movimento contra a guerra imperialista no Vietnã, as mulheres entram em cena na política internacional e, ainda que o movimento feminista ressurgisse fundamentalmente entre estudantes e donas de casa de classe média, as suas reivindicações, combinadas com as crescentes contradições do sistema capitalista, permitiram mobilizar setores mais amplos. Para além das lutas pelos direitos democráticos, esse feminismo da Segunda Onda (por alusão à "Primeira Onda" protagonizada pelas sufragistas no final do século XIX e começo do XX) se interessou pela reconstrução da história das mulheres, a investigação sobre as origens da opressão e as implicações das diferenças de gênero em todas as áreas do conhecimento.

No finalzinho do capítulo, a autora nos fala sobre o contraste existente entre a vertente liberal e socialista do feminismo, onde tínhamos: as liberais defendendo a necessidade de reformas no capitalismo para melhorar a situação das mulheres; e as socialistas propondo a revolução socialista e a destruição do sistema capitalista para a construção de outro sistema social, baseado na supressão da propriedade privada e, portanto, da exploração. Porém, por vias reformistas ou revolucionárias todas estão de acordo em querer desterrar as diferenças hierárquicas entre os sexos para chegar à igualdade, ambição essa que foi rebatida pouco depois.

7. VII - Diferença de Mulher, Diferença de Mulheres

Aqui a autora nos fala sobre o começo da transformação do movimento feminista: da insubordinação à institucionalização, havendo então a ruptura entre “autônomas” e “institucionalizadas” e o movimento ganha diversas facetas, incluindo o feminismo da diferença, que foi muito criticado pelas integrantes do feminismo da igualdade e vice-versa. Neste capítulo, temos o debate acerca do feminino, do ser mulher, afinal, o termo mulher é ou não é apenas mais uma expressão criada pelo patriarcado para separação, submissão e subordinação? Nasce-se mulher ou torna-se mulher? Bem, cada uma das vertentes do feminismo apresentará sua visão sobre esse questionamento.

Temos ainda aqui neste capítulo, uma discussão sobre a intersecção de múltiplas diferenças, onde, as particularidades das mulheres começam a ganhar notoriedade e importância, a partir do momento em que mulheres lésbicas, mulheres negras, mulheres dos países do chamado "Terceiro Mundo" questionaram essa "celebração" dos valores femininos, que invisibilizava as diferenças existentes entre as próprias mulheres, estabelecidas também como hierarquias opressoras. E então, vemos a diferença entre o pensamento feminista e marxista com relação a esse assunto, já que dentro do feminismo são colocadas no mesmo nível as diferenças de gênero, de orientação sexual, de etnia etc, com as de classe, o multiculturalismo e etc, enquanto para o pensamento marxista, pertencer a uma classe não pode simplesmente se agregar a outras múltiplas e diversas identidades, já que é o eixo em torno do qual as outras identidades se articulam e adquirem sua definição concreta.

8. Capítulo VIII - Pós-modernidade, Pós-marxismo Pós-feminismo

Neste último capítulo, a autora nos mostra que com o processo de contra-ofensiva do capital contra as massas, durante a década de 1990 as tendências pós-estruturalistas e pós-modernas adquiriram maior influência, bem como, temos também o surgimento do controverso (e problemático, eu diria) pós-feminismo, que vem, entre muitos outros assuntos, tratar sobre a questão da performatividade de gênero. A pós-feminista Judith Butler diz que:

“A identidade é fictícia. O corpo generizado não tem status ontológico por fora dos atos que o constituem. São os discursos sociais sobre a superfície de corpo que criam a falsa convicção de uma identidade, de uma essência interior, a posteriori”. (Pág. 175).

Então, se devemos, nós mulheres, nos emancipar de algo, segundo Butler, é da pesada definição ontológica repressiva e excludente de nossa identidade "mulher". Porém, a proclamação da eliminação das identidades binárias, em um mundo onde tais diferenças são causa fundamental para agressões brutais e injustiças, soa mais como um discurso auto-congratatório para uma pequena minoria ilustrada e progressista que a crítica de um movimento poderoso e radicalmente transformador.

Conclusão

Ao chegarmos ao fim dessa obra, entendemos que a crise econômica social e política que atravessa o mundo é o resultado da impotência do capitalismo para sobreviver se não for a custos de maiores penúrias para as massas e maior degradação e esvaziamento político de seus regimes democráticos.

Porém, enquanto a situação mundial empurra as mulheres e os setores mais oprimidos a desenvolver seu potencial subversivo, o feminismo se encontra divorciado das massas, majoritariamente afastado da perspectiva de um projeto emancipatório coletivo e o fato é que se o feminismo não ambiciona transformar a realidade, padecida por milhões de mulheres que desconhecem suas premissas, mas enfrentam cotidianamente a fome, a exploração, a violência, o abuso, as humilhações, então ficará reduzido às elaborações acadêmicas, aos lobbys políticos e ao fornecimento de "quadros" aos estamentos governamentais e aos organismos multilaterais.

De acordo com a autora:

Recuperar uma perspectiva de insubordinação para o feminismo hoje nos exige reconhecer que, ante a configuração atual da classe trabalhadora mundial, altamente feminizada, é necessário combater o capitalismo, que nos arrasta à barbárie. Nessa guerra, que a classe dominante nos declarou, levantar um programa pela liberação da mulher é vital para conquistar a vontade de luta das mais amplas massas, empurradas a uma vida miserável, exploradas pelo grande capital que, em sua frente, leva inscrita a opressão patriarcal. (Pág. 183).

Nas palavras de Andrea D'Atri:

Nosso combate diário tem esse objetivo último: a emancipação das mulheres para lutar pela revolução social em igualdade de condições com o resto dos oprimidos e explorados; a revolução social para iniciar o caminho da liberação definitiva das mulheres e de toda a humanidade hoje presas pelas correntes que nos oprimem. (Pág. 184).

Referência do livro:

D'ATRI, Andrea. PÃO E ROSAS: Identidade de gênero e antagonismo de classe no capitalismo. 3. ed. rev. e aum. São Paulo: ISKRA, 2022. 218 p.